

## A TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA E A FORMAÇÃO DO "EU"

*Sylvia Freitas Machado*

Pensando no desenvolvimento da criança, um fonoaudiólogo tem pela frente inúmeras vertentes teóricas dentro do âmbito psico-físico-social, uma vez que a linguagem se dá por aí. A nossa formação universitária engloba estudos dessas áreas, e a nossa experiência também nos faz refletir nesses aspectos.

Da formação acadêmica para a experiência especulativa, o passo é muito grande: o fonoaudiólogo tem um conhecimento amplo do desenvolvimento infantil, adquirido durante sua formação, mas é na prática, na atualização desse conhecimento, que seu empenho deve ser maior. Nisso consiste seu sucesso em colaborar efetivamente no desenvolvimento da linguagem dos seus pacientes.

Por outro lado, o conhecimento adquirido nos anos de formação acadêmica mostra uma criança repartida em pedaços: ela tem diversas habilidades, o desenvolvimento destas habilidades se dá de formas amplamente discutidas, ela tem órgãos com funções conhecidas, para cada tipo de desvio tem uma solução reabilitativa, e tantos outros aspectos que precisam ser conhecidos do profissional, mas que a realidade da prática clínica mostra não serem tão independentes: estes aspectos funcionam entrelaçados, e as soluções ao vivo, no cara a cara da relação terapêutica, não são tão fáceis assim.

Este artigo se propõe a levantar alguns pontos a serem refletidos pelos fonoaudiólogos, sem a pretensão de esgotar a discussão, pois só recentemente é que se começou a pensar nas relações terapêuticas dos distúrbios da comunicação.

A terapia fonoaudiológica para crianças, seja qual for seu desvio na comunicação, lida com um problema do desenvolvimento, e este agrupa aspectos diversos que giram em torno de uma questão central: a formação da identidade. Independentemente da especialização do fonoaudiólogo que trabalha com crianças, ele estará sempre interferindo de alguma forma no processo de formação da identidade, no processo de "humanização" de um ser em desenvolvimento. Seja uma criança com um grande prejuízo motor, que necessita um trabalho intenso no aspecto físico; seja uma com uma deficiência mental que

necessita um trabalho intenso nas habilidades cognitivas; seja uma criança surda que necessite um bom aparelho de amplificação, ou pode até ser uma criança com simples trocas na fala, não importa. O que vale é o contato com o fonoaudiólogo e com tantos outros profissionais, os quais estarão intervindo de alguma forma na formação do EU.

Quando me refiro a “formação da identidade do EU” estou pensando num conceito, não só no sentido descritivo e explicativo mas, principalmente, no sentido da organização simbólica do EU. Tal organização tem um caráter social e um de autonomia: é social porque se formou na convivência com pessoas, e por isso busca soluções para si que se repetem no grupo, que já ocorreram no grupo e que só têm sentido no grupo (‘age como fulano’, ‘parece sicrano’ etc.). Nem vou me estender muito neste tema, pois não se trata de uma reflexão sociológica (para os interessados sugiro a leitura de *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*, de Jurgen Habermas). O outro caráter da organização simbólica do Eu, o da organização autônoma do Eu, é o resultante de processos naturais do amadurecimento, do desenvolvimento sócio-psico-físico. Encontramos também na teoria de Vygotsky algum apoio para compreender a formação da identidade da criança.

A base das investigações de Vygotsky sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores de uma certa forma corresponde a esses dois aspectos da organização simbólica do Eu. As duas hipóteses que formulou foram: 1) as funções psíquicas do homem são de caráter mediatizado; e 2) os processos interiores intelectuais provêm de uma atividade inicialmente exterior, “interpsicológica”. Isso significa que o caráter mediatizado dos processos psicológicos é visto na apropriação de um conhecimento ou de um comportamento que foi sinalizado no exterior (social), internalizado e que é expresso na atividade (interação, comunicação). Essas duas hipóteses vygotkyanas sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se referem ao caráter social e de autonomia da organização do Eu, da formação da consciência.

A motivação do desenvolvimento depende da competência interativa do ser humano, ou, em outras palavras, da capacidade de participar das inter-ações (ações e linguagem). As ações, incluindo aqui a linguagem, ocorrem num contexto social, e só neste podem ser interpretadas e compreendidas. Como o desenvolvimento se dá num contexto social, a competência interativa de cada um é aquilo que possi-

bilita sinalizar algo fora de si e internalizar algum conhecimento. Ou seja, sem se referir a habilidades inatas, mas falando de diferenças individuais, a motivação para o desenvolvimento vai variar de acordo com as competências interativas do sujeito e do grupo a que pertence, e só a análise num contexto histórico é que possibilita entender tais diferenças de motivação para as interações.

As interações envolvem no mínimo dois indivíduos, conforme o próprio nome diz: inter-ação. Ou seja, não só do ponto de vista do desenvolvimento, mas do ponto de vista social, as ações ocorrem de forma tal que estão sempre comunicando algo para alguém. O agir (atividade) é comunicativo e a ação e a comunicação são passíveis de interpretação e são intencionais.

Quando Vygotsky diz que a criança se constitui na e pela linguagem, está querendo dizer que para se tornar “humana”, a criança tem que “reconstituir”, ao longo do desenvolvimento, as formas de organização social. O psiquismo humano é caracterizado pela transformação dos processos antes naturais (história do homem desde os primatas) em processos mediatizados. Esta característica da psique humana difere o homem, em relação à atividade psíquica, do animal: é a transformação de uma estrutura orgânica funcional numa forma socialmente organizada. Esta estrutura mediatizada é vista na possibilidade de o indivíduo se apropriar de formas de comportamento que são comunicadas – isto é, elas acontecem no social, são sinalizadas ou percebidas pelo indivíduo que as interioriza pelo mecanismo de apropriação do conhecimento.

Inicialmente o processo de desenvolvimento se realiza nas relações inter-psíquicas, ou inter-sujeitivas, ou entre sujeitos, passando para processos intra-psíquicos, ou individuais, conscientes, ou relações dentro da psique do sujeito. Uma vez que o indivíduo se constitui, como tal, na e pela atividade comunicativa, a consciência de si mesmo só existe em relação ao outro, quando há consciência do outro. A auto-percepção de “ser humano”, o reconhecimento de si próprio, existe na medida em que se é outro para si mesmo.

Dessas afirmações, o fonoaudiólogo pode retirar algumas questões para reflexão: a abordagem escolhida, a linha terapêutica adotada como técnica de reabilitação, seja qual for, não exclui a formação do Eu. A criança vai se constituir na e pela atividade comunicativa, vai se conscientizar de si e dos outros na relação, e vai se perceber da forma

que for “imposta” pelas suas inter-relações. Se lhe for mostrada constantemente a sua incapacidade de falar adequadamente, a criança vai se perceber como incapaz; se forem testadas constantemente suas habilidades, sem que sejam aceitas as suas propostas por serem “inadequadas”, será uma criança pouco criativa para solucionar problemas, e assim por diante, podemos levantar inúmeras possibilidades de impedimentos para a formação do Eu, se não forem feitas as reflexões sobre o papel constitutivo da terapia fonoaudiológica.